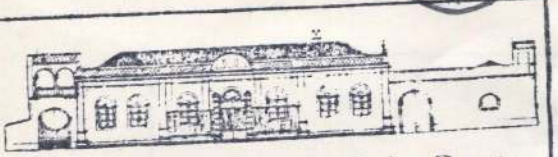




Museu do Trajo
São Brás de Alportel
Centro de
Documentação



Casa da Cultura António Bentes
S. Brás de Alportel
Biblioteca
Livro n.º 1441 Cota n.º 5-4

a da Cultura António Bentes
Biblioteca
(Secção de Recortes)

Museu Vai Mostrar Valor da Mulher Algarvia

Paula Martinheira

Assunto: Museologia

Diário de Notícias, 02.01.1994

«Saco sem fundo de saberes ocultos»

Museu vai mostrar valor da mulher algarvia

Um museu dedicado ao papel activo da mulher vai ser criado no Algarve, prevendo-se que se torne uma realidade em 1994.

PAULA MARTINHEIRA

A primeira poetisa nascida no espaço físico que é hoje Portugal era natural de Silves. Assilbia, de seu nome, viveu na época dos Almoadas, que dominaram aquela cidade algarvia quase continuamente até ao século XII. Notabilizou-se na sua arte e foi a precursora de um sem-número de versejadoras de cunho popular, suas conterrâneas, como Amélia Veiga, Lídia Pereira, Marília Mendes, Vicência Ramos Rosa e Lolita Ramires.

No campo da literatura e da prosa, o conjunto de algarvias famosas não fica por aqui. Lídia Jorge, escritora, Maria Amélia Santos, ensaísta e historiadora, Maria de Olhão, jornalista, Maria Keil, dedicada à literatura infantil, e Maria Veleda, romancista e dramaturga, são outros nomes cimeiros das letras, naturais do Algarve.

No campo musical, abundam também as figuras de relevo - as pianistas Maria Campina, fundadora do Conservatório Regional de Música do Algarve, Célia Romero Magalhães e Teresa Raquel Correia, as cantoras líricas Maria Júdice Costa e Arminda Correia, a musicóloga Ema Fonseca e as «rainhas da rádio» Júlia Barroso e Maria de Fátima Bravo.

O teatro não foge à regra e muitas são as mulheres algarvias que se projectaram nacional e internacionalmente - Dolores e Teresa Aço, que viveram no século passado, Maria Clementina e Corina Freire e mais recentemente Maria Barroso, mulher do Presidente da República, e Mariana Vilar.

Nas artes plásticas há nomes em todas as modalidades - Virgínia e Rosalina Passos na escultura, Maria Keil, pintora, ilustradora e



URBANA OU RURAL, a algarvia impõe a sua presença na região

DN-Pires Martins

ceramista, Margarida Tengarrinha, pintora e ilustradora e ex-deputada, Isabel Moita, barrista, Lurdes Caldas, artista em trapologia, e Ana e Margarida Gomes, em vitrais.

Num campo diferente, como é a actividade política e cívica, a mulher algarvia destacou-se igualmente. Quem não ouviu falar de Brites de Almeida, a padeira de Aljubarrota, nascida no Algarve em 1385, Joana de Alte, heróina de Diu, ou Maria da Paz Weinholtz, que contribuiu no início do século XIX para a expulsão dos franceses, aderindo à causa liberal? E o que dizer de Maria Veleda, que, com Maria Lutegarda, foi uma das mais destacadas pedagogas da história do Algarve e uma das fundadoras da Liga das Mulheres Republicanas?

Estes são alguns dos muitos exemplos do papel activo que a mulher do Algarve tem desempenhado, nomeadamente, na cultura popular e erudita, património e alicerces da identidade local. Foi a partir da convicção de que grande parte do património cultural algarvio «deve muito, com efeito, da sua preservação, ao modo de transmitir que o ser e o estar feminino imprimem às suas relações com o mundo circundante» que uma mulher algarvia, professora e etnóloga, decidiu avançar com o projecto do Museu da Mulher Algarvia. Idealizado e concebido por Glória Marreiros, que se tem dedicado, nos últimos anos, à recolha da tradição oral da serra de Monchique. Este trabalho permitiu à etnóloga constatar que algumas actividades tradicionais foram esquecidas, sendo hoje quase desconhecidos utensílios que eram de uso corrente há cerca de meio século.

Para Glória Marreiros, um museu etnológico garantiria a preservação das espécies em risco, isto é, aquelas a que a mulher está intimamente ligada e que fazem parte da sua história. São as mezinhas feitas de ervas para tratar a família; são os utensílios para semear, mondar e ceifar o trigo, amassar e tender o pão; são as lendas que contavam aos netos enquanto moíam, fazendo farinha para o xerém ou papas, sentadas no chão sobre a capacha de empreita ou em pé, em mó alta, assilhadas no entremeadou ou os utensílios

■ *No distrito de Vila Real há cerca de 270 clubes, mas apenas cem têm actividades e somente 40 participam em torneios*

de (re)colocar Trás-os-Montes na rota dos grandes acontecimentos desportivos. Cria-se um ciclo vicioso, na medida em que não se concedem apoios, porque os clubes não mostram «credenciais»; por outro lado, escasseiam os «bandeirantes» disponíveis para devolver ao desporto a dinâmica e vitalidade, perante a dificuldade em obter concessões financeiras.

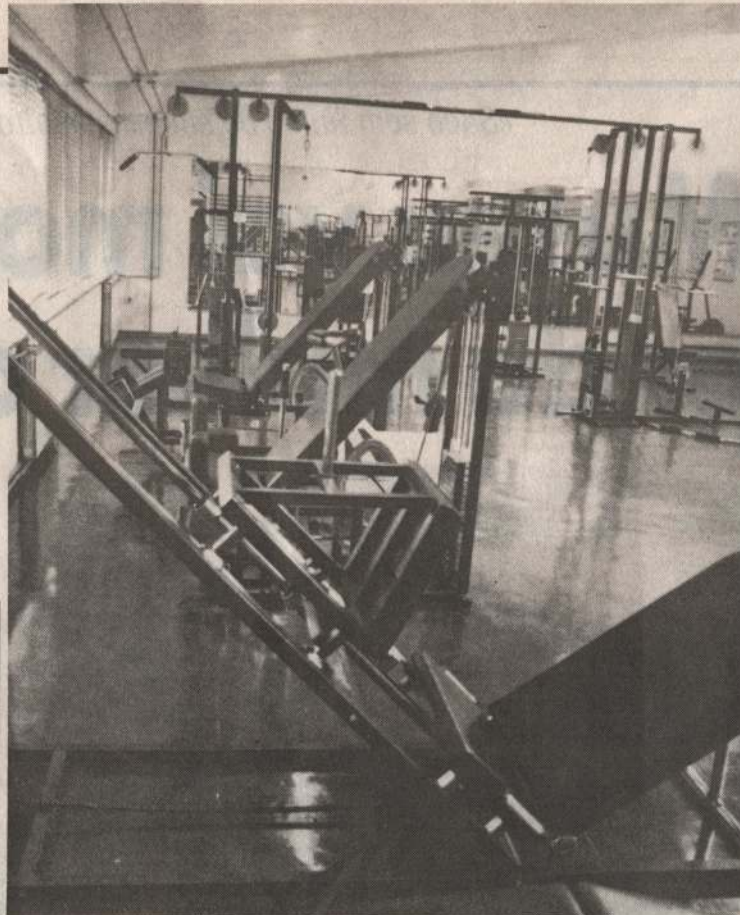
António Castanheira, presidente do Desportivo de Chaves, o clube mais representativo de Trás-os-Montes, considera que, «a médio prazo, os clubes com menos recursos vão soçobrar perante o panorama que se lhes depara», adiantando que «apenas os mais fortes, como nós, irão resistir, ainda que a muito custo».

Na opinião daquele dirigente, as altas instâncias desportivas têm culpas no cartório, pois «inventam regras e leis que beneficiam os grandes clubes do País, que nada têm a ver com a lógica desportiva». António Castanhei-

ra insurge-se, concretamente, contra a «famigerada Lei das Transferências», que classifica de «indecente», acrescentando: «Veja o caso do Careca, com o Famalicão. Como é que o clube pode pagar uma indemnização de um milhão de contos?»

Uma das soluções para este problema específico é o recurso ao mercado estrangeiro, uma vez que os jogadores oriundos de outros países não estão sujeitos a estas normas. Contudo, o conhecimento que os técnicos nacionais têm destes atletas é quase nulo, o que, por vezes, redundará na compra de gato por lebre.

Apesar do «mau tempo» que se instalou no desporto transmontano, há a esperança de que surjam algumas «abertas». Com efeito, ou pela resposta positiva a pedidos organizados pelos clubes, pela participação em sorteios que visam apoiar as colectividades, ou ainda pela afluência de espectadores, sobretudo, nos jogos de futebol, o povo transmontano



DN-Amin Chaar

tem marcada presença de relevo.

«Apesar do empenho das pessoas, é uma cruzada difícil aquela a que nos propomos», afirma Taveira da Mota, presidente do Sport Clube Vila Real, referindo-se à luta que os responsáveis pelo desporto na região travam contra as condições adversas. Entre estas, o problema dos acessos adquire particular importância. Para o di-

rigente vila-realense, «o País é um corpo que tem nos acessos as suas artérias». Trás-os-Montes é, assim, «uma província aonde o sangue chega dificilmente», diz. O panorama, de um modo geral, é este. Mau grado as vicissitudes de um isolamento, não só no espaço mas, ao que se constata, também no tempo, Trás-os-Montes prossegue na esperança de que os «ventos mudem».

A Universidade transmontana vem «remando contra a maré», abrindo esperanças ao desporto regional, tanto em equipamento de atletas, dando, assim, um valioso contributo para elevar o nível de várias modalidades



UM RECINTO POLIVALENTE, equipamento que rareia na região

DN-Amin Chaar



DN-Amin Chaar

O GINÁSIO DA UNIVERSIDADE possui sofisticados aparelhos

■ As serranas fazem ainda sapatos de ourela e bonecos de juta

com que produziam os panos e os rituais de «ajudadas» para tratar do linho e da lã.

Doceiras afamadas

Urbana ou rural, a algarvia, além de doceira afamada, sempre pintou e bordou as suas roupas e panos de casa; faz malha e rendas várias com perfeição inigualável, de que os bilros são o melhor exemplo.

Algumas, sobretudo da zona da serra, fazem ainda empreita, sapatos de ourela, bonecos de juta e de cortiça, actualmente muito procurados devido a um trabalho importante de recuperação e divulgação do artesanato regional.

■ **A mulher é detentora de velhas crenças e superstições, património cultural que ajuda a compreender a «alma algarvia».**

Por seu turno, a camponesa vindima, apanha e seca os figos, trata do «almeixar» e, na chaminé caída por dentro, todas as noites prepara os «comeres» característicos.

Segundo a promotora do museu, a algarvia é um «verdadeiro saco sem fundo de saberes ocultos». Cosou «ossos desmanchados», benzeu do «afite», afugentou «bruxas», curou do «mau olhar» e salvou meninos «doentes da lua». Fez e «desmanchou» casamentos e noivados, usou e transmitiu crenças e superstições que são um património imprescindível para a compreensão da «alma algarvia», afirma Glória Marreiros, para quem as mulheres do Algarve são simultaneamente as «mães dos seus mocinhos», como são todas, e o exemplo da luta, da disciplina e do trabalho, nas fábricas de conservas de pei-

xe e da cortiça».

O primeiro passo para o museu foi dado no congresso em que foi apresentado o projecto, com a constituição de uma comissão dinamizada por Glória Marreiros. A primeira diligência da comissão foi escolher o local para o futuro museu. A escolha recaiu em Faro, não só pela sua localização geográfica, como também por possibilitar uma «interacção museu/escolas, museu/populações, museu/turismo interno e externo, com previsíveis resultados positivos para todos os intervenientes».

A câmara municipal empenhou-se totalmente no projecto, disponibilizando um espaço, ainda por definir, para a instalação do núcleo central do museu, que dará ao visitante uma panorâmica geral não pormenorizada da mulher algarvia nos seus múltiplos aspectos. Este núcleo deverá ser apetrechado com meios audiovisuais que permitam mostrar todo o conjunto patrimonial existente nos restantes núcleos museológicos a criar em várias localidades da região, dedicados a diferentes áreas.

De acordo com o projecto, os núcleos poderão ser criados de raiz ou integrados nos museus locais já existentes, tendo ao seu dispor material gráfico que permita dar informações aos visitantes sobre o que é possível encontrar não só no museu central mas também em todos os restantes núcleos locais. Deste modo, para Glória Marreiros, «o museu, grande

ou pequeno, autopromove-se e promove os restantes numa permuta sã e didáctica».

Para já, existe apenas um espaço para a criação de um dos núcleos. Trata-se de uma sala da Casa do Povo de Marmeleiro, no concelho de Monchique, disponibilizado pela sua presidente. A Comissão Pró-Museu da Mulher Algarvia apela, por isso, às diversas entidades, designadamente a Delegação Regional do Sul da Secretaria de Estado da Cultura e autarquias da região, para uma real colaboração no projecto, juntando-se assim à edilidade farense e à Comissão Nacional do Conselho Internacional de Museus (ICOM), presidida por Isabel Silveira Godinho.

Entretanto, a comissão tem recebido inúmeras ofertas de particulares a nível de objectos, entre as quais se destaca o espólio da escritora Lutegarda de Caires, natural de Vila Real de Santo António. Por outro lado, diversas artesãs da região já se ofereceram para colaborar com o museu, nomeadamente Ezequiel Camponesa, de 70 anos, a única mulher que ainda faz sapatos de ourela e que gostaria de, no âmbito da instituição, ensinar o seu ofício, em grave risco de extinção.

Neste momento, está a ser elaborado um «diagnóstico da situação» do museu, versando temas como as suas finalidades, recursos, equipamentos, produções e relações e o «programa do museu», de acordo com as exigências legais do Instituto Português dos Museus (IPM). Glória Marreiros entende, contudo, que um trabalho de divulgação, em cada concelho, em cada freguesia e nas escolas deve desde já ser feito. É que, em sua opinião, «o museu antes de sê-lo, deve mostrar-se primeiro como elemento dinamizador e pedagógico».



O ARTESANATO é outra «prenda» das mulheres algarvias



A ALGARVIA é um «verdadeiro saco sem fundo de saberes ocultos»